



Teologia e ciências sociais

Theology and Social Sciences

Francisco de Aquino Júnior*

Resumo

O artigo se confronta com a problemática da relação entre teologia e ciências sociais. Sua pretensão é formular adequadamente os termos dessa relação, explicitando a importância, a função e o lugar das ciências sociais na elaboração do discurso teológico e no produto teológico. Começa apresentando o debate sobre a relação entre teologia e ciências sociais na América Latina nas últimas décadas através de seus principais interlocutores: Gustavo Gutiérrez e Clodovis Boff; Juan Luis Segundo e Ignacio Ellacuría. E conclui, esboçando, de modo sistemático, ainda que em forma de tese, a estrutura teórica fundamental dessa relação. Ela tem a ver com o conhecimento da realidade na qual se vive a fé e que deve ser pensada teologicamente; com a dimensão social do reinado de Deus, assunto da teologia cristã; com o caráter social da teologia, enquanto teoria; e com a suspeita ideológica e o processo de des-ideologização e libertação da teologia.

Palavras-chave: Social. Teologia. Ciências sociais. Mediação.

Abstract

This article presents the issue of the relationship between theology and the social sciences. For this purpose, the author seeks to formulate the terms of the relationship of these two areas of knowledge, highlighting the importance, the role and the place of the social sciences in the development of the theological discourse and of the theological product. At the beginning of the text the author presents a discussion on the relationship between theology and the social sciences in Latin America in recent decades through its main representatives: Gustavo Gutierrez and Clodovis Boff, Juan Luis Segundo and Ignacio Ellacuria. The paper also presents a systematic outline of the fundamental theoretical framework of the relationship between theology and the social sciences, showing that this relationship binds to the knowledge of the reality in which faith is placed. In conclusion, the text highlights that faith must be considered theologically on three levels: with the social dimension of the Kingdom of God, which is an issue of Christian Theology; with the social character of theology as a theory; with the ideological suspicion and with the process of liberation of theology.

Key-words: Social. Theology. Social Sciences. Mediation.

Artigo recebido em 12 de agosto de 2012 e aprovado em 06 de novembro de 2012.

* Doutor em Teologia na Westfälischen Wilhelms-Universität de Münster – Alemanha; presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte CE e professor de teologia no Instituto Teológico Pastoral do Ceará. País de origem: Brasil. E-mail: axejun@yahoo.com.br

Introdução

As ciências sociais se tornaram uma das interlocutoras mais importantes da teologia na América Latina nas últimas décadas. Há quem pense até que elas chegaram a substituir a filosofia como mediação teórica fundamental (quando não, exclusiva) no quefazer teológico. Deixando de lado os excessos, reais e/ou interpretativos, não há como negar o *fato* dessa interlocução nem sua *importância*, tanto para o fazer, quanto para o produto teológicos.

Mas se o fato e a importância dessa interlocução entre teologia e ciências sociais são inegáveis e facilmente constatáveis, sua estrutura teórica, isto é, o modo como ela se dá ou deve se dar, não é nada evidente nem tranquila. Nem entre os teólogos da libertação nem, muito menos, entre eles e seus críticos. Aliás, isso tem sido motivo de debates, conflitos, críticas, acusações e até condenações.

Grosso modo, pode-se identificar no debate acerca da natureza ou da estrutura teórica da “relação” entre teologia e ciências sociais na América latina duas posturas fundamentais. Para alguns, a maioria, as ciências sociais ajudam a compreender melhor a realidade social na qual os cristãos estão inseridos e que deverá ser refletida teologicamente. Para outros, além de ajudar a compreender a realidade social, as ciências sociais ajudam a explicitar a dimensão social da teologia e, com sua “suspeita ideológica”, ajudam a evitar e/ou superar sua instrumentalização ideológica. No primeiro caso, o uso das ciências sociais na teologia é considerado como um momento “pré-teológico”, portanto, anterior ao fazer propriamente teológico. No segundo caso, ele é considerado como um momento do processo teológico como um todo, dando-se, portanto, também, no interior do exercício estritamente teológico.

Nossa pretensão, aqui, é apresentar essas posturas em suas diferenças e em suas complementaridades e, através delas, explicitar, teórica e teologicamente, a estrutura teórica da “relação” entre teologia e ciências sociais. E o faremos a partir

de seus principais representantes: Gustavo Gutiérrez e Clodovis Boff, de um lado; Juan Luis Segundo e Ignacio Ellacuría, de outro lado.

Convém advertir e insistir no fato de que não vamos tratar aqui do uso das ciências sociais na abordagem de um problema teológico específico (política, igreja, liturgia etc.) nem da problemática das posturas e teorias sociais mais adequadas e/ou compatíveis com a teologia. Noutras palavras: nem trataremos de um tema teológico concreto nem do conflito entre diferentes teorias sociais e sua compatibilidade com a teologia. O que nos interessa, aqui, é determinar formalmente, do ponto de vista da teologia, o lugar e a importância das ciências sociais no fazer e no produto teológicos.

Sendo assim, começaremos apresentando o debate sobre a “relação” entre teologia e ciências sociais na América Latina e, a partir dele, procuraremos determinar sua estrutura teórica fundamental, explicitando o lugar das ciências sociais no fazer teológico e suas consequências no “produto” teológico.

1 O debate sobre a relação entre teologia e ciências sociais na América Latina

Antes de formularmos os termos da “relação” entre teologia e ciências sociais, vale a pena considerar as diferentes posturas sobre essa problemática na reflexão teológica das últimas décadas na América latina. Na maioria dos casos, essas posturas são mais pressupostas e afirmadas que elaboradas. Normalmente, recorre-se a teorias sociais na reflexão e elaboração teológica; afirma-se sua necessidade e sua importância; discute-se que teorias sociais são mais aptas para a compreensão da realidade e mais adequadas à reflexão teológica e, inclusive, se elas são suficientes para a compreensão da realidade – mesmo a realidade social – e se entram no processo de reflexão propriamente teológica ou se elas se restringem a um momento de reflexão “ainda-não-teológico” ou “pré-teológico” (ANDRADE, 1991). Raramente, entretanto, enfrenta-se e se formula, de modo consequente e

sistemático, os termos dessa relação, explicitando-se o lugar e a importância das ciências sociais na teologia.

Conforme indicamos acima, há basicamente duas posturas sobre essa problemática entre os teólogos na América Latina, ainda que essas posturas fundamentais adquiram certas matizações e acentos em diferentes teólogos. A intuição e os primeiros esboços dessas posturas encontram-se nas obras de Gustavo Gutiérrez e de Juan Luis Segundo, respectivamente, e elas receberam sua formulação e elaboração mais acabadas em Clodovis Boff e Ignacio Ellacuría, respectivamente.

Vejam, pois, em que consistem essas duas posturas fundamentais e como esses teólogos compreenderam, esboçaram e formularam os termos da “relação” ente teologia e ciências sociais.

1.1 Compreensão da realidade social

A primeira postura consiste em atribuir às ciências sociais uma importância muito grande no que diz respeito à compreensão da realidade social: realidade onde os cristãos estão inseridos e onde devem viver sua fé; realidade a ser refletida teologicamente em um momento posterior. Essa é a postura predominante na América Latina, particularmente nos documentos do magistério episcopal. Seus primeiros esboços encontram-se na obra de Gustavo Gutiérrez e sua elaboração teórica mais refinada encontra-se na tese doutoral de Clodovis Boff. Vejam.

a) Gustavo Gutiérrez

Gustavo Gutiérrez (AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 50-59; SOUSA, 1988, p. 533-564; BOFF, 1988, p. 531-543) foi quem primeiro e melhor formulou as intuições, as linhas e as orientações fundamentais da *teologia da libertação*, enquanto “reflexão

crítica da práxis histórica à luz da Palavra” (GUTIÉRREZ, 2000a, p.71-73): *método teológico e perspectiva do pobre* (GUTIÉRREZ, 1981, p.293s). Seu mérito maior, diz Leonardo Boff, “foi ter ajudado a criar um campo epistemológico novo no âmbito do pensamento cristão”; ele “abriu um caminho novo e promissor para o pensamento teológico, excogitou uma maneira nova de fazer teologia” (BOFF, 1988, p.531).

Seu propósito teológico fundamental (GUTIÉRREZ, 2000b, p.79) está expresso nas primeiras linhas do seu livro *Teologia da libertação* que, além de ter sido um dos principais veículos de difusão dessa teologia, adquiriu um valor simbólico, tornando-se como seu marco teórico inicial: “Este trabalho busca uma reflexão, a partir do evangelho e das experiências de homens e mulheres comprometidos com o processo de libertação neste subcontinente de opressão e espoliação que é a América Latina” (GUTIÉRREZ, 2000a, p.51). Trata-se, portanto, de uma reflexão “a partir do Evangelho e num mundo de pobreza e de esperança” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.79).

Ora, “considerar o contexto de pobreza e de marginalização tendo em vista uma reflexão teológica conduz a uma análise do ponto de vista social e, para tanto, se faz necessário recorrer às disciplinas correspondentes” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.80). E é aqui, precisamente, no esforço de “compreender os mecanismos de opressão da ordem social imperante”, onde se insere sua reflexão sobre a relação entre teologia e ciências sociais. Esse “é o espaço do encontro das ciências sociais e da análise marxista com a teologia” (GUTIÉRREZ, 1981, p.281).

Essa intuição fundamental foi sendo progressivamente afirmada e explicitada em seus escritos e teve sua elaboração mais desenvolvida e acabada em um artigo publicado em 1984 e que tem como título “*teologia e ciências sociais*” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.67-69).

Gutiérrez começa lembrando que “a reflexão sobre a palavra de Deus está ligada ao modo como ela é vivida e anunciada na comunidade cristã”

(GUTIÉRREZ, 2000b, p.69). Daí a necessidade de se levar em conta na reflexão teológica o “contexto social e intelectual” no qual a comunidade está inserida e vive sua fé. E para isso é muito importante “o recurso às ciências sociais, como meio que permite conhecer melhor a realidade social e delinear com maior precisão os desafios que ela representa para o anúncio do evangelho e, portanto, para a reflexão teológica” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.70). Nesse contexto se insere sua reflexão sobre a relação entre teologia e ciências sociais. Num primeiro momento, ele lembra “o sentido do trabalho teológico”: linguagem sobre Deus (“ato segundo”), precedida de sua contemplação e da realização de sua vontade (“ato primeiro”). Em seguida, trata da “relação da teologia com as ciências sociais” e do “conflito na história”. E conclui, “mostrando que tudo isso tem importância na medida em que se oriente para ajudar na tarefa central da Igreja: a proclamação do Evangelho” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.70). Aqui, interessa-nos apenas o ponto que trata diretamente da relação da teologia com as ciências sociais.

Ela se dá num contexto de pobreza/opressão e luta por libertação e se justifica como esforço de descrição e interpretação dessa situação. Seja na reflexão do magistério episcopal (Medellín, Puebla etc.), seja na reflexão dos teólogos, o recurso às ciências sociais, diz Gutiérrez, dá-se em vista de

um exame da realidade social para depois compreender melhor, graças a uma iluminação a partir da fé, os desafios e as possibilidades que essa realidade apresenta para a tarefa evangelizadora da Igreja. Trata-se então do recurso à análise social com vistas ao conhecimento de uma situação, e não para o estudo de assuntos considerados mais explicitamente teológicos (GUTIÉRREZ, 2000b, p. 73s).

Essa tese fundamental que, insiste, “deve ficar claro desde o início” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.73), será desenvolvida em três tópicos.

1. *Análise social e espírito crítico*. Sem dúvida, o uso das ciências sociais nos ajuda a “conhecer melhor a realidade social”. Mas é preciso se dar com “espírito crítico”, com “discernimento”: “o ‘científico’ não está isento do exame crítico, mas deve se submeter a ele”; deve estar “submetido à discussão e crítica permanente”

(GUTIÉRREZ, 2000b, p.74). Isso vale também para a relação com os movimentos de libertação, uma vez que, “como todo processo humano, eles são ambivalentes” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.75).

2. *Ciências sociais e marxismo*. Embora nas ciências sociais contemporâneas haja “elementos de análise oriundos do marxismo”, não se pode de maneira nenhuma identificar ciências sociais e marxismo (GUTIÉRREZ, 2000b, p.76). Um exemplo claro disso é a importância atribuída à “teoria da dependência”, sobretudo nos primeiros trabalhos da teologia da libertação¹. Além do mais, “as alusões a Marx, e a certos marxistas, e a consideração de suas contribuições no campo da análise social e econômica [...] não significa uma aceitação do marxismo, especialmente, claro, como concepção total da vida e, portanto, excludente da fé cristã e de suas exigências” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.77). Importa, aqui, em todo caso, mostrar que “as contribuições da análise marxista devem ser situadas e criticadas no horizonte das ciências sociais” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.78).

3. *Teologia e análise social*. É no contexto de uma análise da realidade social que se dá o “encontro” entre teologia e ciências sociais. Do evangelho e da reflexão sobre ele não se pode extrair os instrumentos necessários para a compreensão da realidade social nem se pode “deduzir programas ou ações políticas” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.80)². Para isso, é preciso recorrer às disciplinas que se ocupam da análise e compreensão da realidade, bem como das “tendências e buscas de solução que vão sendo propostas”. Mas o uso adequado dessas disciplinas “implica grande respeito” pelo seu “âmbito próprio” e pela “correta autonomia do campo político” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.80). Elas interessam à teologia na medida em que ajudam

¹ “Essa teoria surgiu de um desenvolvimento das ciências sociais na América Latina e possui teóricos de renome que não se reconhecem marxistas. Tampouco se pode ignorar que representantes do marxismo criticaram severamente essa teoria” (GUTIÉRREZ, 2000b, 76).

² “É correto pedir à teologia uma operatividade no anúncio da palavra” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.81); “pode-se também pedir à teologia que a ajude a não perder de vista a globalidade do processo histórico, evitando reduzi-lo a seu plano político” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.82); “deve-se pedir à teologia que assinala a presença da relação com Deus e da ruptura da relação com Deus no âmago da situação histórica, política, econômica, o que uma análise social nunca poderá fazer” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.82). Mas “não se pode pedir à teologia o que ela não pode nem deve dar. Não cabe à teologia da libertação propor soluções estratégicas, alternativas políticas próprias” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.81).

a compreender a realidade e os desafios que ela apresenta para a evangelização. No entanto,

“a presença das ciências sociais na teologia, no momento em que é importante ter um melhor conhecimento do mundo concreto das pessoas, não significa uma submissão indevida da reflexão teológica. Esta deve levar em conta essa contribuição, mas em seu trabalho vai recorrer sempre a suas próprias fontes” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.82).

É preciso respeitar e garantir no trabalho teológico a especificidade e a autonomia tanto das ciências sociais quanto da teologia.

Em síntese, para Gustavo Gutiérrez, a relação entre teologia e ciências sociais se dá em vista da “tarefa central da igreja: a proclamação do Evangelho” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.70) e se restringe ao momento em que se procura conhecer melhor a realidade na qual a Igreja está inserida e deve atuar (GUTIÉRREZ, 2000b, p.74, 77, 82). Trata-se, portanto, vale repetir, de um “recurso à análise social com vistas ao conhecimento de uma situação, e não para o estudo de assuntos considerados mais estritamente teológicos” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.74); neste caso, diz ele, a teologia “vai recorrer sempre a suas próprias fontes” (GUTIÉRREZ, 2000b, p.82)³.

b) Clodovis Boff

Clodovis Boff foi, sem dúvida nenhuma, o teólogo latino-americano que mais se dedicou à problematização e elaboração do método teológico em geral e do método da teologia da libertação em particular (AQUINO JÚNIOR, 2008). Basta ver sua tese doutoral *Teoria e prática: teologia do político e suas mediações*

³ Estas teses fundamentais são retomadas, reafirmadas e matizadas na longa introdução que fez à edição revisada e corrigida de sua obra clássica *Teologia da libertação*. Por um lado, insiste na importância das ciências sociais para a compreensão da realidade, embora reconhecendo a necessidade de “ampliação de nossa compreensão do mundo do pobre” e, conseqüentemente, de novas perspectivas e “novas vertentes das ciências humanas” (GUTIÉRREZ, 2000a, p.16-22). Por outro lado, reafirma sem meias palavras: “Embora seja importante e urgente ter um sério conhecimento da pobreza em que vive a grande maioria de nosso povo, bem como das causas que

lhe dão origem, o trabalho teológico propriamente dito começa quando tentamos ler essa realidade à luz da Palavra. Ele implica ir às fontes da revelação” (GUTIÉRREZ, 2000a, p.22).

(BOFF, 1993) e sua monumental *Teoria do método teológico* (BOFF, 1998). Para além das diferenças e divergências teóricas e teológicas que se possa ter com ele, é indiscutivelmente uma referência obrigatória e um interlocutor imprescindível nas discussões acerca do método teológico entre nós.

No que diz respeito à problemática da “relação” da teologia com as ciências sociais, ela aparece desenvolvida e formulada em sua tese doutoral sobre o método da teologia da libertação, defendida em Lovaina em 1976. Aí, a teologia da libertação é entendida como uma “teologia do político” (e não como uma teologia integral) e seu método tem a ver com o problema das “mediações” dessa teologia. Seu interesse e sua pretensão consistem em “discutir os problemas fundamentais de uma teoria da teologia do político” (BOFF, 1993, p. 27), explicitando e formulando seus princípios ou postulados fundamentais. Esses princípios ou postulados se articulam em torno de três problemas metodológicos fundamentais com suas respectivas mediações, que, aliás, correspondem à estrutura básica de sua tese doutoral (BOFF, 1993, p.21s, p.25ss). Em primeiro lugar, o problema do objeto da teologia, o político, mediado pelas ciências sócio-analíticas. Está em jogo, aqui, a constituição do *objeto material* da teologia. E, embora se trate de uma etapa “pré-teológica”, trata-se de uma etapa “constitutiva” do método total dessa teologia. Em segundo lugar, o problema do modo de apropriação teológica deste objeto, o político, mediado pela hermenêutica bíblico-teológica. Está em jogo, aqui, a pertinência ou formalidade teológica do discurso, o *objeto formal* da teologia. Em terceiro lugar, o problema da relação da teologia com a prática, enquanto esta “constitui o verdadeiro meio de realização da prática teológica concreta”.

A relação da teologia com as ciências do social (CdS)⁴ se dá, portanto, no momento em que se trata de explicitar o “objeto material” da Teologia do Político: “Da parte do *objeto* – o político – é preciso dizer que é fornecido à Teologia do Político pelas ciências que se relacionam com ele, isto é, as ‘ciências sociais’. Esta operação teórica de assunção dos resultados dessas disciplinas pela e na prática

⁴ Doravante utilizaremos a forma abreviada CDs.

teológica traz o nome de *Mediação Sócio-Analítica* (MAS). Ela será responsável pela constituição do objeto (teórico) *material* da Teologia do Político” (BOFF, 1993, p.25). E, vale repetir, embora se trate de um momento formalmente “pré-teológico”, ele “representa certamente uma condição fundamental para a produção de uma Teologia do Político e, a esse título, faz parte constitutiva do processo total de produção dessa mesma teologia” (BOFF, 1993, p.25).

E isso é decisivo para a compreensão da natureza da relação da teologia com as CdS e, conseqüentemente, para a definição dos “termos formais desta mesma relação” (BOFF, 1993, p.81). Está em jogo “o modo como a Teologia integra a contribuição das CdS no processo de sua prática” (BOFF, 1993, p.82). E, aqui, Clodovis Boff lança mão da distinção althusseriana entre “relação de aplicação” e “relação de constituição”. No primeiro caso, trata-se de uma “relação instrumental, técnica, mecânica”, portanto, “uma relação de exterioridade” (BOFF, 1993, p.82). No segundo caso, trata-se de uma relação na qual “o que é posto em relação participa de modo vital do conjunto onde se incorpora”, portanto, “uma relação de interioridade” (BOFF, 1993, p.82).

Pois bem, no que diz respeito à relação entre teologia e CdS na Teologia do Político, diz Boff, temos uma “relação de constituição ou de interioridade” (BOFF, 1993, p.82): “Se a teologia procura se aplicar sobre e à política ela tem que saber previamente de que ela vai falar. Ora, ela não pode preencher esta condição senão através das disciplinas que fornecem o conhecimento positivo disso” (BOFF, 1993, p.83). Neste sentido, precisamente, a teologia estabelece com as CdS uma “relação de constituição”: elas são fundamentais para a constituição do objeto material da teologia do político; são, aliás, um momento constitutivo do método dessa teológica – um momento “pré-teológico”, verdade; mas um momento “constitutivo”.

Noutras palavras: “Se as CdS entram a título de parte *constitutiva* da teologia do político é exatamente no nível da matéria-prima da teologia, no nível de seu objeto material, e não no nível de sua pertinência própria ou do objeto formal da teologia” (BOFF, 1993, p.83s); “as CdS oferecem à Teologia somente (e já é

demais) o sobre o que ela tem que se exercer” (BOFF, 1993, p.84) e, neste sentido, situa-se num momento “ainda-não-teológico” ou “pré-teológico” da Teologia do político (BOFF, 1993, p.84). Entre esse momento sociológico e o momento propriamente teológico – dois momentos do método total da Teologia do Político – “não existe transição contínua. O que existe é uma transição de nível, transição que deve levar o nome próprio de *ruptura epistemológica*” (BOFF, 1993, p.84).

Mas isso não é tudo. A compreensão da teologia da libertação como uma Teologia do Político, na contramão do que pensavam e pretendiam os teólogos da libertação (BOFF, 1993, p. 33), levou Clodovis Boff a estabelecer uma distinção entre o que chamou de “Teologia um” [T1] e “Teologia dois” [T2]. Enquanto a primeira se ocuparia das “realidades especificamente ‘religiosas’” [Deus, criação, Cristo, graça, pecado etc.], a segunda se ocuparia das “realidades ‘seculares’” [cultura, sexualidade, história, política etc.] (BOFF, 1993, p.32). Nessa perspectiva, a teologia da libertação “passa a ser considerada como um tipo particular de ‘teologia política’. Esta se inscreve, por sua vez, no interior da T2, a qual, por sua vez, constitui uma das grandes zonas da Teologia como tal” (BOFF, 1993, p.33).

E com isso voltamos ao problema que nos interessa, a saber, a relação da teologia com as CdS. Se no caso de uma T2 temos uma “relação de constituição”, o mesmo não se dá em se tratando de uma T1:

Pelo que afeta a T1, parece-nos claro que a prática teológica não precisa necessariamente se fazer mediar pelas ciências do social, ainda que estas possam sempre ser utilizadas também nesse nível em termo de ‘ciências auxiliares’ [da parte do objeto] e mais ainda talvez em termo de *refundição* [da parte do sujeito] (BOFF, 1993, p.82).

De modo que é preciso distinguir dois tipos de relação entre teologia e CdS: relação de eventual “aplicação” no caso de uma T1 e relação de “constituição” no caso de uma T2.

Em síntese, para Clodovis Boff, a relação da teologia com as ciências do social se dá no contexto de uma *Teologia do Político* (T2), precisamente no momento em que se trata de estabelecer o *objeto material* desta teologia que é a

política. Neste caso, temos uma “relação de constituição”, na medida em que, embora seja uma atividade “pré-teológica” ou “ainda-não-teológica”, é um momento fundamental e constitutivo dessa teologia. O mesmo não se dá no caso de assuntos mais explicitamente “religiosos” (T1), por mais que se possa utilizá-las também aqui de alguma forma. Em todo caso, não se trataria de uma relação de “constituição”, mas simplesmente de “aplicação”⁵.

Gustavo Gutiérrez e Clodovis Boff assumem fundamentalmente a mesma posição no que diz respeito à relação entre teologia e ciências sociais. É verdade que enquanto Gutiérrez toma a realidade social como lugar onde se vive a fé e onde se deve anunciar o Evangelho (referência de toda teologia à realidade social), Boff a toma como um dos temas a ser pensado teologicamente (assunto ou objeto material da teologia do político); é verdade também que enquanto Gutiérrez restringe o uso das ciências sociais ao conhecimento da realidade social, anterior ao trabalho propriamente teológico, Boff compreende a mediação sócio-analítica como um momento constitutivo/estrutural do processo teológico total da teologia do político, ainda que um momento “pré-teológico” ou “ainda-não-teológico”. No entanto, não obstante esses acentos e essas matizações, ambos restringem o uso ou a mediação das ciências sociais ao momento de conhecimento da realidade. Elas não entram como mediação da atividade estritamente teológica. Boff ainda chega a admitir que elas possam ser utilizadas, mas, em todo caso, não como um momento “constitutivo” da reflexão teológica.

1.2 Dimensão social da teologia e suspeita ideológica

Certamente, as ciências sociais continuam sendo, aqui, uma mediação imprescindível para o conhecimento da realidade social: realidade onde os cristãos

⁵ Por mais que sua reflexão sobre o método da teologia em geral e da teologia da libertação em particular tenha sofrido pequenas alterações (objeto da teologia da libertação, mediação para o conhecimento da realidade social e política, por exemplo), sua posição fundamental acerca da relação entre teologia e ciências do social permanece inalterada, como se pode constatar tanto no prefácio auto-crítico à nova edição da tese em 1993 (Cf. BOFF, 1993, p. I-XII), quanto em sua monumental teoria do método teológico em 1998 (Cf. BOFF, 1998, p.358-385), quanto, ainda, no seu artigo biográfico-intelectual em 2000 (Cf. BOFF, 2000).

vivem sua fé e onde devem anunciar o Evangelho e realidade que deve ser pensada teologicamente. Mas a novidade dessa postura consiste em atribuir às ciências sociais um papel ou uma tarefa fundamental também no interior da reflexão mais propriamente teológica: explicitar a dimensão social da teologia e evitar sua instrumentalização ideológica ou ajudar no seu processo de des-ideologização. Se a postura anterior restringia a mediação dessas ciências a um momento considerado “pré-teológico” ou “ainda-não-teológico”, essa segunda postura a toma também como *uma* mediação da atividade estritamente teológica. Vejamos.

a) Juan Luis Segundo

Mais que pensar teologicamente o processo de libertação em curso na América Latina, Juan Luis Segundo (AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 84-93; CORONADO, 1998; SOARES, 1997) estava preocupado com a libertação da própria teologia, como reza, aliás, o título de uma de suas obras mais importantes: *Libertação da teologia*. Para ele, “a teologia mais progressista na América Latina está mais interessada em *ser libertadora* do que em *falar de libertação*. Em outras palavras, a libertação não pertence tanto ao conteúdo quanto ao método que se usa para fazer teologia frente à nossa realidade” (SEGUNDO, 1978, p.11).

E para explicitar em que consiste esta novidade metodológica, Segundo começa comparando o modo de fazer e ensinar teologia convencional nas universidades (teologia acadêmica) e o modo de fazer e ensinar teologia na América Latina (teologia da libertação). Enquanto a *teologia acadêmica* é marcada por uma autonomia explícita ou implícita com relação ao presente e às ciências do presente (SEGUNDO, 1978, p. 9), a *teologia da libertação* começa exatamente insistindo na íntima relação da teologia com o presente e com as ciências do presente (SEGUNDO, 1978, p.10). Para ele,

a diferença fundamental entre um teólogo acadêmico e um teólogo da libertação consiste em que este se vê obrigado, a cada passo, a colocar juntas as disciplinas que lhe abrem o passado e as disciplinas que lhe explicam o presente, e isso na própria elaboração da teologia, isto é, no seu intento de interpretar a palavra de Deus dirigida a nós, aqui e agora (SEGUNDO, 1978, p.10).

A esse método teológico, mediado tanto pelas ciências do passado quanto pelas ciências do presente, Segundo chama de *círculo hermenêutico*: “a contínua mudança de nossa interpretação da Bíblia em função das contínuas mudanças de nossa realidade presente, tanto individual quanto social”; “cada realidade nova obriga a interpretar de novo a revelação de Deus, a mudar, com ela, a realidade e, daí, voltar a interpretar... e assim sucessivamente” (SEGUNDO, 1978, p.10). Sua efetivação supõe tanto “a riqueza e profundidade de nossas perguntas e suspeitas acerca da realidade”, quanto “a riqueza e profundidade de uma nova interpretação da Bíblia” (SEGUNDO, 1978, p.12). E ele se desenvolve em quatro passos fundamentais: experiência crítica da realidade que leva a uma suspeita ideológica, aplicação da suspeita ideológica à teologia, suspeita exegética, nova interpretação da Escritura (SEGUNDO, 1978, p.12). Partindo, portanto, de uma experiência crítica da realidade, passando pela suspeita ideológica das ideias em geral, da teologia e da exegese em particular, chega-se, finalmente, a uma nova interpretação da Escritura, baseada nas perguntas novas e decisivas que estão no ponto de partida do “círculo hermenêutico”.

Nesse contexto pode-se compreender o lugar e a importância que Segundo atribui às ciências sociais na teologia. Elas são fundamentais no processo de libertação da teologia no que ela tenha de opressão e/ou de legitimação da opressão. E, nesse sentido, constituem um momento interno do fazer teológico enquanto tal (SEGUNDO, 1978, p.10, 54, 55, 76, 84). Isso fica ainda mais claro e explícito na conferência que ele fez no encontro internacional sobre mudança social e pensamento cristão na América Latina, El Escorial – Madrid, 1992, intitulada “críticas e autocríticas da teologia da libertação” (SEGUNDO, 1993, p. 215 – 236).

Segundo toma como referência, aqui, a primeira instrução da Congregação para a Doutrina da Fé sobre a teologia da libertação, intitulada *Instrução sobre alguns aspectos da teologia da libertação*. (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1984). Sua conferência está dividida em duas grandes partes: crítica e autocrítica teológicas e crítica e autocrítica epistemológicas. Na autocrítica epistemológica aborda, por um lado, a relação entre a teologia da libertação e a prática pastoral e, por outro lado, a relação entre a teologia da libertação e a religião do povo. É, aqui, precisamente, onde ele retoma e explicita o lugar e a importância das ciências sociais no interior da teologia e o faz reagindo direta e explicitamente à postura de Gustavo Gutiérrez, acima apresentada.

Já no item anterior, tratando da relação entre a teologia da libertação e a prática pastoral, afirma que

a maior parte da produção da teologia da libertação, a mais criativa pedagógica e teologicamente falando, não está atualmente direcionada ao nível acadêmico, como de costume, nem mesmo a um público médio culto, como acontece em outras partes, mas a acompanhar e ajudar na reflexão que se faz precisamente dentro das comunidades eclesiais de base (SEGUNDO, 1993, p.228).

Agora, tratando da relação da teologia da libertação com a religião do povo, insiste, por um lado, na necessidade de um nível “mais elevado” de reflexão teológica com “certas matizes críticas com relação à religião que o povo pratica” (SEGUNDO, 1993, p.232) e, por outro lado, na contramão da *Instrução* romana, procura explicar essa “insuficiência” da reflexão teológica pelo “abandono de um elemento crítico da epistemologia marxista” que é a “*suspeita ideológica*” (SEGUNDO, 1993, p.233).

No que diz respeito à necessidade de uma reflexão teológica mais “elevada” e “crítica” com relação à religião do povo, há duas razões fundamentais. A primeira diz respeito ao fato do cristianismo ter chegado ao nosso continente “apoiado nas armas dos conquistadores” (SEGUNDO, 1993, p.232). Isso obriga a “suspeitar” que

haja “elementos de opressão ou de sua justificação teológica” veiculados pela “religião que o povo pratica hoje” (SEGUNDO, 1993, p.232). A segunda tem a ver com uma necessidade pastoral: material didático com “um nível aceitável” para a formação de agentes pastorais em seminários ou faculdades (SEGUNDO, 1993, p.232s).

No que diz respeito à explicação de uma reflexão teológica insuficiente com relação à religião do povo, ao contrário do que pensa a *Instrução* romana, diz Segundo, esta não se deve a influências marxistas, mas, ao contrário, deve-se principalmente “ao abandono de um elemento crítico da análise marxista”: a *suspeita ideológica* (SEGUNDO, 1993, p.233). Ela provém da percepção de que “no nível das ideias, ou seja, da cultura global – incluída, por suposto, a teologia –, as ideias dominantes pertencem, em regra geral, às classes dominantes. Levam sua marca e obedecem a seus interesses” (SEGUNDO, 1993, p.233).

E, aqui, Segundo reage direta e explicitamente contra a tese de Gutiérrez, segundo a qual “as ciências sociais devem deixar seu posto à palavra de Deus transmitida pela tradição [...] no umbral da teologia” (SEGUNDO, 1993, p.234, 223s). E afirma:

Creio que precisamente a palavra de Deus pretende recordar a toda hora ao teólogo que sua interpretação da revelação, a fim de compreendê-la e praticá-la, pode desviar-se e começar a servir – como, segundo os Sinóticos, no tempo de Jesus e no caso dos escribas e fariseus – aos fins da exploração do homem pelo homem (SEGUNDO, 1993, p.234).

Por essa razão, uma teologia libertadora deve estar sempre atenta para captar “qualquer atitude desumanizadora ligada a uma interpretação da fé” e, constatando tal fato, “percorrer o caminho dessa fé para saber como e quando se produziu esse desvio” (SEGUNDO, 1993, p.234), o que não é possível sem a “suspeita ideológica” introduzida pelas ciências sociais no interior da reflexão propriamente teológica. “Desgraçadamente, [diz ele], por temor ou por alguma outra causa, a teologia da libertação deixa de suspeitar quando se aproxima do povo” (SEGUNDO, 1993, p.234). Mas esse já é outro assunto. Importa insistir, em

todo caso, que, diferentemente de Gutiérrez e de Boff, Segundo introduz as ciências sociais no interior na teologia, como um momento ou um elemento fundamental do fazer teológico.

Em síntese, para Juan Luis Segundo as ciências sociais não se detêm no “umbral da teologia”. Elas “penetram o quefazer teológico sem pretender com isso substituir as fontes e normas próprias da teologia” (SEGUNDO, 1993, p.224). Com sua “suspeita ideológica”, elas ajudam a desmascarar os elementos e mecanismos de dominação presentes no discurso teológico, liberando, assim, seu potencial libertador. Noutras palavras, elas são fundamentais no processo de “libertação da teologia” e, por conseguinte, na elaboração de uma teologia verdadeiramente libertadora.

b) Ignacio Ellacuría

Embora não tenha uma obra específica em que elabora de modo sistemático e global o método teológico, Ignacio Ellacuría (AQUINO JÚNIOR, 2004; 2009; 2010) foi um dos teólogos da libertação que mais se confrontou com essa problemática; e suas contribuições, ainda que pontuais, estão entre as mais criativas e profundas, tanto do ponto de vista teórico, quanto do ponto de vista teológico. No que diz respeito à questão concreta que aqui nos interessa, a saber, a relação entre teologia e ciências sociais, é preciso começar dizendo que ele não escreveu nenhum artigo tratando diretamente disso, embora se trate de uma questão que perpassa a abordagem que ele fez de diversos aspectos do método teológico (ELLACURIA, 2000c; 2000a; 2000d; 2000g; 2000f; 2000e; 2000j; 2000i). Ou seja, mais que um tema desenvolvido em si mesmo, como estamos fazendo neste artigo, ele aparece inserido e desenvolvido no contexto e em função da elaboração de diferentes tópicos ou aspectos do método teológico. Não como uma questão marginal que não mereça maior atenção e dedicação, mas como um

aspecto fundamental do método teológico em sua totalidade, ainda que não tenha recebido uma elaboração suficiente. E é isso que justifica sua abordagem em nosso estudo.

Tendo presente o conjunto de sua obra, particularmente as questões e os escritos relativos ao método teológico, podemos dizer que a importância e o lugar das ciências sociais na teologia da libertação têm a ver tanto com o assunto da teologia e seu caráter prático-social, quanto com sua ideologização/des-ideologização.

Antes de tudo, a relação da teologia com as ciências sociais tem a ver com o próprio “objeto” ou assunto da teologia da libertação. Ela não trata apenas de questões sócio-políticas – não é uma teologia do social ou do político⁶, nem trata de Deus sem mais. Trata de Deus, enquanto e na medida em que se faz presente e atua na história, isto é, trata da ação de Deus na história ou, para usar uma expressão central nos evangelhos sinóticos, trata do reinado de Deus – o exercício de seu governo ou senhorio sobre um povo (ELLACURÍA, 2002, p. 311; 2000c, p. 175s; 2000d, p. 235, 240s; 2000e, p. 315; 2000h, p. 202s). Esse governo ou senhorio de Deus não é apenas uma ideia ou uma u-topia, mas algo que deve se realizar na história; é uma realidade que “implica em si mesma o problema de sua realização” (ELLACURÍA, 2000c, p. 178). De modo que, “se se leva em conta esse ponto de realização e de historicidade que compete ao reino de Deus, é claro que não se pode realizar o labor teológico à margem das ciências sociais” (ELLACURÍA, 2000c, p. 179). Tampouco é algo meramente subjetivo, individual, algo que implica apenas na “conversão do coração”. Ele diz respeito à totalidade da vida desse povo, também, claro, no que tem de social: tem a ver também com as relações interpessoais e com a organização e estruturação da sociedade; implica também na “transformação da sociedade”. De modo que o social é uma dimensão constitutiva do assunto da teologia e, assim, entra na reflexão teológica “em pé de igualdade com outros

⁶ Ellacuría reagiu fortemente contra a redução da teologia da libertação a uma teologia do social ou do político, como vai se dá, por exemplo, em Clodovis Boff (ELLACURIA, 2000c, p. 177s; 2000b, p. 538s).

temas”, aparentemente mais religiosos (ELLACURÍA, 2000c, p. 178). Por essa razão, as ciências que tratam dessa dimensão (dentre elas, as ciências sociais) entram como momento constitutivo do fazer teológico. Elas são fundamentais tanto para a compreensão da realidade no que tem de social, quanto para a sua (re)estruturação segundo o dinamismo do reinado de Deus.

Mas isso não é tudo. O caráter ou a dimensão prático-social do reinado de Deus e, conseqüentemente, da teologia, enquanto seu momento consciente e reflexo por excelência (ELLACURÍA, 2000c, p. 171), os insere na dinâmica e no conflito de interesses sociais no conjunto da sociedade. Por isso mesmo não há nem pode haver uma teologia absolutamente neutra do ponto de vista social. Na medida em que diz respeito ao social, ela interfere de alguma forma e em alguma medida no social: seja legitimando e/ou favorecendo, seja deslegitimando e/ou desfavorecendo interesses e forças sociais (ELLACURÍA, 2000a, p. 214). Daí o risco permanente de sua des-viação e instrumentalização ideológica. Quantas vezes a teologia foi e é instrumentalizada em função de interesses (econômicos, sociais, políticos, culturais, religiosos, de gênero etc.) pouco ou nada evangélicos? Quantas vezes ela foi e é usada para legitimar e favorecer as mais diferentes formas de dominação e opressão? Esse risco que vale para o pensamento em geral, vale, de modo particular, para o pensamento teológico, muito mais propenso a “desfigurações e manipulações nem sempre conscientes”, dado o caráter “aparentemente” inverificável de muitas de suas afirmações (ELLACURÍA, 2000c, p. 165). Mesmo

as afirmações mais abstratas podem resultar, às vezes, em expressão religiosa de uma situação cuja verdade é tudo menos religiosa. O discurso religioso pode ser a mistificação do discurso econômico e político, e isso não apenas quando fetichiza determinadas realidades históricas, fazendo delas coisas divinas ou diabólicas, mas, inclusive, quando aparentemente não fala mais que de Deus e do divino (ELLACURÍA, 2000c, p. 166).

Sem falar que muitas vezes a teologia tem de “lançar mão de recursos teóricos que podem ser resultado de ideologizações mais ou menos larvadas” (ELLACURÍA, 2000a, p. 214). Por essa razão, o teólogo deve se perguntar constantemente “a

quem e a que condutas favorecem suas reflexões ou quem se sente à vontade com elas” (ELLACURÍA, 2000c, 167). É a única forma de evitar e/ou superar sua “ideologização” (ELLACURÍA, 2000a, 211), isto é, sua instrumentalização por interesses pouco ou nada evangélicos. E para isto as ciências sociais desempenham um papel fundamental e imprescindível.

Em síntese, para Ignacio Ellacuría, a relação ente teologia e ciências sociais tem a ver com a “unidade da realidade histórica e do corpo social à que ambas se dirigem”, com o “caráter prático com que tanto a sociologia quanto a teologia se apresentam hoje na América Latina” e com a “ideologização a que estão submetidas tanto a interpretação da fé quanto a interpretação da realidade histórica” (ELLACURÍA, 2000g, p. 287). Seja pelo caráter ou pela dimensão prático-social da teologia, seja por sua possível e comum ideologização, não é possível desenvolver um discurso teológico crítico e consequente sem a ajuda das ciências sociais que, por essa razão, ocupam um lugar importante no interior do discurso teológico e desempenham aí uma função fundamental.

Juan Luis Segundo e Ignacio Ellacuría trazem novos elementos e avançam na reflexão sobre a “relação” entre teologia e ciências sociais. Estas são importantes não apenas no conhecimento da realidade social na qual se vive a fé e se anuncia o Evangelho, mas também no conhecimento da dimensão social da teologia e de seu processo de (des)ideologização. Por um lado, a teologia trata de uma realidade que tem uma dimensão social e, assim, repercute/interfere na vida social – legitimando e favorecendo certos interesses, deslegitimando e contrapondo outros interesses. Por outro lado, dado o caráter social da teologia e a aparente inverificabilidade de muitas de suas afirmações, ela é muito mais facilmente instrumentalizada ou ideologizada em função de interesses pouco ou nada evangélicos. Basta ver o quanto ela tem sido utilizada ao longo da história para legitimar as mais diferentes formas de opressão e dominação. Por essas razões, as ciências sociais têm uma importância muito grande na teologia. Elas aguçam a “suspeita ideológica” na

elaboração do discurso teológico e na crítica ao produto teológico e são fundamentais no processo de des-ideologização da teologia. E, assim, entram como um momento constitutivo da reflexão propriamente teológica.

2 O lugar das ciências sociais na teologia

Tendo apresentado as diferentes posturas no debate sobre a relação entre teologia e ciências sociais na América Latina, resta *esboçar*, de modo sistemático, sua *estrutura teórica*, explicitando a *importância*, a *função* e o *lugar* das ciências sociais no processo de elaboração do discurso teológico.

Embora haja diferenças significativas na postura dos autores estudados, sobretudo entre Gutiérrez e Boff, por um lado, Segundo e Ellacuría, por outro lado, cremos, no entanto, que elas não se opõem nem se negam mutuamente. Cremos, inclusive, que elas se complementam, pelo menos se tomamos como referência a postura de Segundo e Ellacuría. Ela assume os elementos fundamentais da posição de Gutiérrez e Boff dentro de uma reflexão mais ampla e, em nossa opinião, mais consequente sobre a relação entre teologia e ciências sociais. E é a partir dela que esboçaremos a estrutura teórica fundamental dessa relação.

Ela se dá, antes de tudo, no *processo de conhecimento da realidade*, na qual os cristãos estão inseridos, vivem sua fé e devem anunciar a Boa Nova do Evangelho de Jesus Cristo. Nesse ponto há um consenso geral entre os teólogos e o magistério episcopal: a fé se vive sempre em uma realidade concreta e é em referência a essa realidade que o Evangelho se constitui como Boa Notícia. Do contrário, a fé e o Evangelho seriam pura abstração e inoperatividade. Certamente, essa realidade não se reduz ao social e por isso não pode ser conhecida apenas pelas ciências que tratam do social. Como destaca Gutiérrez na introdução à nova edição de sua *Teologia da libertação*, a percepção da complexidade da realidade latino-americana, concretamente, do mundo dos pobres e oprimidos levou a

teologia da libertação a “incorporar valiosas perspectivas e novas vertentes das ciências humanas (psicologia, etnologia, antropologia) para o exame de uma situação intrincada e instável” (GUTIÉRREZ, 2000a, p.21). Mas, embora a realidade seja mais que social, tem uma dimensão social inegável e as ciências sociais são muito importantes para o conhecimento dessa dimensão social. E na medida em que dizem respeito constitutivamente à fé e ao anúncio do Evangelho não podem ser tratadas como “pré-teológicas” sem mais (Gutiérrez e Boff). Que não sejam suficientes para a reflexão teológica, não significa que não sejam constitutivas da mesma.

Em segundo lugar, a relação entre teologia e ciências sociais tem a ver com o próprio *assunto da teologia cristã*: o reinado de Deus (AQUINO JÚNIOR, 2011a, p.47-68), isto é, o governo ou o senhorio de Deus sobre a vida do seu povo. Na medida em que a vida humana tem uma dimensão social constitutiva que deve ser vivida e configurada na força e no dinamismo do Espírito de Deus revelado na práxis de Jesus de Nazaré, o social aparece como uma dimensão essencial do assunto da teologia. E na medida em que tanto a compreensão da atual estrutura e dinâmica do social, quanto o esboço de sua re-estruturação necessitam da mediação das ciências sociais, estas se tornam um elemento/momento fundamental da elaboração teológica. Certamente, a compreensão e o esboço de reestruturação do social não se dão exclusivamente mediante as ciências sociais. As demais ciências humanas e mesmo o “senso comum” e a “sabedoria popular” são de grande importância e valia nessa tarefa, como bem observou Clodovis Boff no prefácio autocrítico da reedição de sua tese doutoral (BOFF, 1993, p. VIII-IX). Mas, embora não sendo suficientes, são de fundamental importância e, por isso mesmo, entram como mediação imprescindível do fazer teológico. De modo que a compreensão do social e as ciências que colaboram nessa tarefa não podem ser tratadas apenas como uma realidade “pré-teológica” ou “ainda-não-teológica”(C. Boff). São constitutivas do fazer teológico enquanto tal.

Em terceiro lugar, a relação entre teologia e ciências sociais diz respeito ao *caráter social da teologia* (AQUINO JÚNIOR, 2011b, p.333-352). Toda teologia é social, queira ou não queira, consciente ou inconscientemente. E por várias razões: trata de uma realidade que tem uma dimensão social, é um fazer socialmente interessado, eclesialmente situado e condicionado, possibilitado por estruturas de pensamento e por sistemas de conceitos socialmente desenvolvidos e mediados e inserido na trama complexa dos conflitos sociais. Não há teologia socialmente neutra e/ou indiferente. E as ciências sociais são muito importantes para a percepção e explicitação críticas desse caráter social da teologia – um saber muito mais propenso a “desfigurações e manipulações nem sempre conscientes”, dado o caráter “aparentemente” inverificável de muitas de suas, como bem adverte Ignacio Ellacuría (2000c, p. 165). Elas ajudam tanto na explicitação dos interesses sociais que condicionaram o fazer teológico e estão explícita ou implicitamente arraigados e confirmados nas formulações teológicas, quanto na discussão sobre as consequências e implicações sociais das diferentes formulações teológicas. Convém ressaltar mais uma vez que elas nem são as únicas mediações, nem sequer são mediações suficientes para essa tarefa. No entanto, são de fundamental importância e, nesse sentido, entram como momento constitutivo do fazer teológico.

Por fim, a relação entre teologia e ciências sociais se dá no *processo de des-ideologização ou libertação da teologia*. Essa foi certamente a contribuição mais importante de Juan Luis Segundo no debate; contribuição formulada em outros termos e numa perspectiva mais abrangente por Ignacio Ellacuría. E esse é sem dúvida o ponto de ruptura mais importante entre eles e Gutiérrez e Boff. Fato é que a teologia vem sendo instrumentalizada/ideologizada ao longo da história em função de interesses pouco ou nada evangélicos. E para Segundo e Ellacuría, as ciências sociais são de uma importância muito grande no processo de des-ideologização da teologia. Elas aguçam a “suspeita ideológica” na elaboração do discurso teológico e na crítica ao produto teológico e são fundamentais no seu processo de des-ideologização. Além de ajudar no conhecimento da realidade e na explicitação da

dimensão social do assunto da teologia e do próprio discurso teológico, ajudam a desmascarar os elementos e mecanismos de dominação presentes no discurso teológico, liberando, assim, seu potencial libertador. Noutras palavras, elas ajudam a manter viva a pergunta do “para quem” e do “para que” de todo e qualquer discurso teológico. Neste sentido, não podem ser detidas/esbarradas no “umbral da teologia”. Elas “penetram o quefazer teológico”, entram como “mediação” fundamental na elaboração do discurso teológico.

Conclusão

Em síntese, as ciências sociais são uma mediação constitutiva e fundamental da teologia: ajudam a compreender a realidade na qual se vive a fé e se anuncia o Evangelho, tratam de uma dimensão essencial do assunto da teologia cristã, contribuem na compreensão e explicitação do caráter social do discurso teológico e são decisivas na percepção e crítica da instrumentalização ideológica da teologia, bem como no seu processo de des-ideologização. Por tudo isso, elas entram como “mediação” constitutiva e necessária (embora insuficiente) do fazer teológico enquanto tal.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. **Fé e eficácia**: o uso da sociologia na teologia da libertação. São Paulo: Loyola, 1991.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **A teologia como inteligência do reinado de Deus**: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría. São Paulo: Loyola, 2010.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. A teologia como momento ideológico da práxis eclesial: uma aproximação à teologia de Ignacio Ellacuría. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, Ano 36, p. 197-220, 2004.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Clodovis Boff e o método da teologia da libertação. Uma aproximação crítica. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, n. 271, p. 597-613. 2008.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. O reinado de Deus como assunto da teologia cristã. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, n. 281, p. 47-68, 2011a.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. O caráter social da teologia. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, Ano 121, p. 333-352, 2011b.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Sobre o método da teologia da libertação: nos 20 anos do martírio de Ignacio Ellacuría. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, Ano 41, p. 395-412, 2009.

BOFF, Leonardo. A originalidade da teologia da libertação em Gustavo Gutiérrez. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, n. 191, p. 531-543, 1988.

BOFF, Clodovis. Como vejo a teologia latino-americana trinta anos depois. In: SUSIN, Luiz Carlos. **O mar se abriu: trinta anos de teologia na América latina**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 79-95.

BOFF, Clodovis. **Teoria e prática: teologia do político e suas mediações**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CORONADO, Jesus Castilho. **Livres e responsáveis: o legado teológico de Juan Luis Segundo**. São Paulo: Paulinas, 1998

ELLACURÍA, Ignacio. Hacia una fundamentación del método teológico latinoamericano. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos Teológicos I**. San Salvador: UCA, 2000a. 187-218.

ELLACURIA, Ignacio. Historicidad de la salvación cristiana. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos Teológicos I**. San Salvador: UCA, 2000b. p. 535-596.

ELLACURÍA, Ignacio. La teología como momento ideológico de la praxis eclesial”. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos Teológicos I**. San Salvador: UCA, 2000c. p. 163-185.

ELLACURÍA, Ignacio. Relación teoría y praxis en la teología de la liberación. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos Teológicos I**. San Salvador: UCA, 2000d. p. 235-245.

ELLACURÍA, Ignacio. Teología de la liberación frente al cambio sociohistórico en América Latina. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos Teológicos I**. San Salvador: UCA, 2000e. p. 313-345.

ELLACURÍA, Ignacio. Teorías econômicas y relación entre cristianismo y socialismo. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos Teológicos I**. San Salvador: UCA, 2000f. p. 303-312.

ELLACURÍA, Ignacio. Tesis sobre la posibilidad, necesidad y sentido de una teología latinoamericana. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos Teológicos I**. San Salvador: UCA, 2000g. p. 271-301.

ELLACURÍA, Ignacio. Aporte de la teología de la liberación a las religiones abrahámicas en la superación del individualismo y del positivismo. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos Teológicos II**. San Salvador: UCA, 2000h. p. 193-232.

ELLACURÍA, Ignacio. El auténtico lugar social de la Iglesia. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos Teológicos II**. San Salvador: UCA, 2000i. p. 439-451.

ELLACURÍA, Ignacio. Utopía y profetismo desde América Latina: un ensayo concreto de soteriología histórica. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos Teológicos II**. San Salvador: UCA, 2000j. p. 233-293.

ELLACURÍA, Ignacio. Fe y justicia. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos Teológicos III**. San Salvador: UCA, 2002. p. 307-373.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1981.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação: perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2000a.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **A verdade vos libertará: confrontos**. São Paulo: Loyola, 2000b.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”**. São Paulo: Loyola, 1984.

SEGUNDO, Juan Luis. **Libertação da teologia**. São Paulo: Loyola, 1978.

SEGUNDO, Juan Luis. Críticas y autocríticas de la teología de la liberación. In: COMBLIN, José; GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio; SOBRINO, Jon. **Cambio social y pensamiento Cristiano en América latina**. Madrid: Trotta, 1993. p. 215-236.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. **Juan Luis Segundo: uma teologia com sabor de vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

SOUSA, Luis Alberto Gomes de. A força histórica da reflexão de Gustavo Gutiérrez. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, n. 191, p. 553-564, 1988.